

Um clássico afro-brasileiro: os processos criativos do grupo caixa-preta em *Hamlet sincrético*

Anna Stegh Camati
Uniandrade: Curitiba / Paraná
Pós-doutorado

Professora titular – mestrado em teoria literária UNIANDRADE/PR

Resumo: Shakespeare já conhecia os procedimentos de apropriação textual, ou seja, a retextualização e recontextualização de obras consagradas, que eram utilizadas por ele como material textual para a criação de novos textos imbuídos do espírito de seu tempo. Como podemos ler seus textos hoje e a partir deles chegar a interpretações válidas para o nosso cotidiano? Será que esses textos encontram ainda hoje um solo fértil nos teatros? Encontramos a resposta para essas indagações no espetáculo *Hamlet Sincrético*, uma criação coletiva inspirada em Shakespeare, com direção de Jessé Oliveira, apresentada, em 2007, em espaço teatral alternativo pelo Caixa Preta, um grupo formado por artistas negros de Porto-Alegre. *Hamlet Sincrético* é um espetáculo estruturado a partir de uma estética negra que transita pelo sincretismo cultural e religioso afro-brasileiro, e transmuta os personagens shakespearianos em encarnações de tipos da mitologia cultural negra, privilegiando a temática da negação da identidade. Uma impressionante atmosfera simbólica é instaurada pela inserção de referências musicais de matriz africana e cânticos religiosos do batuque, umbanda e elementos dos samba-enredos. É um teatro ritualístico, de inspiração dionisíaca, uma experiência visceral com elementos de cruza no sentido artaudiano, que conduzem o espectador a um envolvimento orgânico. Em *Hamlet Sincrético*, o Grupo Caixa Preta assume a condição étnico-racial através do processo de recodificação do cânone literário com a inserção de elementos da cultura e história dos afro-descendentes brasileiros.

Palavras-chave: *Hamlet sincrético*, apropriação/adaptação, processos criativos.

O mito como raiz do gênero dramático ocidental nos remete ao conceito de arquitepo de Gérard Genette (2005, p. 217), configurado como um modelo ideal aberto a variações. Ao elaborarem seus temas, tomando como base o material mítico difuso e complexo, os poetas gregos tinham liberdade para modificá-lo ou introduzir inovações. Percebe-se, portanto, que os processos de apropriação/adaptação remontam ao período clássico, quando os grandes tragediógrafos gregos iniciaram a prática de ressignificação dos mitos, imprimindo sua marca particular. Verificou-se o mesmo procedimento nas obras dos escritores do neo-classicismo francês e, até mesmo Sigmund Freud, o criador da psicanálise, vestiu com roupagem moderna alguns dos mais importantes mitos que encontrou na literatura, principalmente nos gregos, em Shakespeare e Ibsen.

No artigo “A representação dos clássicos: reescritura ou museu”, Anne Ubersfeld (2002, p. 9-10) discute as mudanças de ótica que ocorreram nas artes cênicas

em relação à montagem dos clássicos, visto que hoje a reconstituição arqueológica cedeu lugar à adaptação criativa. Ela argumenta que não há um corte temporal decisivo para a canonização de um texto, visto que “tudo o que se escreve hoje desliza para o clássico”. Acrescenta, ainda, que um texto canônico, cuja problemática permanece próxima da atualidade apesar do afastamento temporal, também exige uma adaptação para tornar-se legível ao espectador de hoje.

Em face dessas perspectivas, a estética brechtiana de atualização dos clássicos tornou-se uma prática comum. Esse procedimento altera radicalmente o sentido atribuído às obras canônicas pela crítica tradicional, preocupada com a integridade textual. Brecht defendia a necessidade da historicização dos clássicos, um processo que põe em jogo pelo menos duas historicidades: o tempo em que o texto foi escrito e o tempo em que ele é reescrito ou transposto para outro meio, visto que o passado influi no presente, e o presente modifica o passado. Portanto, um aspecto importante a ser considerado na transformação do texto de partida em texto de chegada é o diálogo via de mão dupla que se processa no entrecruzamento de culturas e/ou situações de enunciação, com um olhar retrospectivo no passado, mas uma maior ênfase no presente (PAVIS, 2008, p. 123-154).

Ubersfeld (2002, p. 12-16) também se pronuncia a esse respeito. Afirma que uma obra clássica, inscrita no processo de comunicação, sofre modificações em três níveis diferentes – o do emissor, o da mensagem e o do receptor. A realização cênica envolve emissores múltiplos (encenador, diretor, atores e equipe de criação), e os signos da obra em questão são filtrados de acordo com as mudanças do *Zeitgeist* e “em função da escuta atual do receptor”: ouve-se o texto em línguas diferentes, concretizado em linguagens e em condições de enunciação contemporâneas. Em virtude da dupla mudança do emissor e do receptor, a mensagem também é modificada.

Shakespeare já conhecia os procedimentos de apropriação/adaptação textual, ou seja, a retextualização e recontextualização de obras consagradas, que eram utilizadas por ele como material para a criação de novas textualidades imbuídas do espírito de seu tempo. A questão que se apresenta para nós hoje é como podemos ler seus textos e a partir deles chegar a interpretações válidas para o nosso cotidiano? Será que esses textos encontram ainda hoje um solo fértil nos teatros? A resposta para essas indagações pode ser encontrada em *Hamlet sincrético*, uma criação coletiva inspirada no *Hamlet* de Shakespeare, cuja montagem, dirigida por Jessé Oliveira, foi apresentada em espaço teatral alternativo pelo grupo Caixa-Preta, formado por artistas negros de Porto-Alegre.

O espetáculo estreou em 20 de maio de 2005, no Hospital Psiquiátrico São Pedro e, no mesmo ano, recebeu seis indicações para o Prêmio Açorianos de Teatro. Venceu, na categoria trilha sonora e a peça ainda recebeu o Troféu RBS de Melhor Espetáculo pelo Júri Popular. Em 2006, o grupo Caixa-Preta realizou novas temporadas de *Hamlet sincrético*: em 14 de março conquistou o público uruguaio ao se apresentar no pátio do histórico prédio do Cabildo (construído no século 19), para mais de 300 pessoas, dentro da programação do projeto Expresso Porto Alegre, Estação Montevideo, promovido pelas prefeituras de Porto Alegre e de Montevideo. E, em março de 2007, o espetáculo foi levado para o Festival Shakespeare - Tradição e Atualidade que foi realizado pelo SESC Ribeirão Preto, no estado de São Paulo.

Hamlet Sincrético é uma apropriação/adaptação criativa, no sentido pós-colonialista do termo, e no sentido mais comum popularizado pelas teorias da recepção. A reescritura do texto shakespeariano pelo grupo Caixa-Preta privilegia a perspectiva da cultura alvo que se torna o foco principal, utilizando a cultura estrangeira para seus próprios fins. Como ensina Peter Burke (2003, p. 91), a apropriação/adaptação cultural pode ser analisada como “um movimento duplo de descontextualização e recontextualização” do texto canônico, gerando discursos políticos alternativos que implicam no questionamento e descentramento do legado cultural hegemônico. Reescrituras politizadas de obras canônicas fazem parte de um processo que valoriza a voz, a história e a identidade daqueles que foram explorados, marginalizados e silenciados por interesses e/ou ideologias dominantes.

O Grupo Caixa-Preta assume a sua condição étnico-racial através do processo de recodificação do cânone literário e da inserção de elementos da cultura e história dos afro-descendentes brasileiros em *Hamlet sincrético*. É um espetáculo estruturado a partir de uma estética negra que transita pelo sincretismo cultural e religioso afro-brasileiro e, ainda, pelo catolicismo popular e pentecostalismo. Os personagens shakespearianos são transmutados em encarnações de tipos da mitologia cultural negra, privilegiando a temática da negação da identidade. Hamlet, por ser aquele que busca a justiça, está associado ao orixá Xangô; o Fantasma do Rei Hamlet é Oxalá; Gertrudes é uma espécie de eterna rainha do Carnaval; Polônio é um ex-babalorixá que se converteu e se tornou um pastor evangélico que nega a sua cultura, e Cláudio é Zé Pelintra, por seu caráter amoral.

O espetáculo é ritualístico, de inspiração dionisíaca, uma experiência visceral com elementos de crueza, no sentido artaudiano, que conduzem os espectadores a um

envolvimento orgânico. A linguagem física baseada nos signos que inclui a mistura e fusão de sons, ruídos, gritos, ritmos, música, dança, cor, luz e outros elementos visuais e sonoros, atinge o espectador de imediato e aciona os fluxos energéticos que causam desassossego e perturbação. Este acúmulo de apelos sensoriais é levado ao extremo pela escolha do espaço cênico composto de diversos segmentos do Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre: o pátio interno entre dois pavilhões desativados, os corredores escuros e sombrios pelos quais os espectadores são conduzidos, e a ampla sala com diversas entradas e saídas onde se realiza o jogo cênico. As grades de ferro e as grossas paredes com as marcas do tempo inscritas no reboco, trazem à mente os sofrimentos e as injustiças sociais perpetradas em nome das diferenças de gênero, raça, etnia ou classe social. Como afirma o diretor Jessé Oliveira, em um ensaio sobre espaços teatrais alternativos, se um grupo escolhe como cenário uma paisagem pré-existente, esta será incorporada aos signos da montagem:

Deve-se pensar no que representa um determinado espaço antes de ser usado como local da representação cênica. Uma rua ou praça tem um uso e um significado social e cultural pré-definidos, contudo, ao ser escolhido como lugar do acontecimento cênico este ganha outros significados no imaginário do espectador e dos passantes. (OLIVEIRA, 2007, p. 2)

Em *Hamlet sincrético*, uma impressionante atmosfera simbólica é instaurada por meio da inserção de referências musicais de matriz africana, além da interpolação de cânticos religiosos do batuque e de elementos relacionados aos sambas-enredo e ao sincretismo de umbanda.

Bibliografia:

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2006.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. *Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras, 2005.

GRUPO CAIXA-PRETA. *Hamlet sincrético*. Criação coletiva a partir da obra *Hamlet* de William Shakespeare. (Texto não publicado).

OLIVEIRA, Jessé. Os múltiplos espaços da ação – um olhar sobre o lugar no teatro contemporâneo. (Ensaio não publicado).

PAVIS, Patrice. *O teatro no cruzamento das culturas*. Trad. Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

UBERSFELD, Anne. A representação dos clássicos: reescritura ou museu? Trad. Fátima Saadi. In: *Folhetim*, nº 13, abr./jun. 2002, p. 08-37.